

A revolução dos Cravos ... e os desertores primeiro!

22 Abril 2015 | Por [Arthur Porto](#) - Mediapart.fr

Os desertores e insubmissos do exército de Salazar

Foi em 1975 que as colónias sob o domínio português se libertaram e obtiveram a independência. Foi uma das consequências da Revolução dos Cravos, de 25 de Abril de 1974. E se a queda de uma das mais velhas ditaduras da Europa foi obra dos «Capitães de Abril» que se revoltaram contra a guerra colonial, a miséria do povo português obrigado a emigrar, e pela democracia, os desertores e insubmissos do exército português também contribuíram para ela.



Soldados em Lisboa com cravos na espingarda

É a partir de 1961 que a guerra se intensificou e rapidamente jovens insubmissos (partindo clandestinamente do país antes de serem chamados - o serviço militar obrigatório era de quatro anos, ou depois de terminarem os estudos seriam enviados para a Guiné-Bissau, Angola, Moçambique...) preferiram o caminho da emigração ao serviço militar.

Alguns por razões económicas, mas também um grande número por oposição a esta guerra com a qual o Estado Novo de Salazar, com a benção da Igreja Católica (numa nova cruzada), queria impor o seu papel civilizador e perpetuar do império colonial. O regime de Salazar «orgulhosamente só» no concerto das nações, exibia com vaidade a «raça portuguesa» (festejada a 120 de Junho).

Homenagem aos desertores

Nestes quarenta anos que passam sobre o fim da guerra colonial, a Associação Memória Viva [<http://www.memoria-viva.fr/category/actualite/>] decidiu homenagear os 100 000 («o Exército Português avaliou estimou em 150 000 o número de jovens que de várias formas escolheram escapar ao serviço militar»), refractários e desertores que pela sua e decisão e pelo seu gesto contribuíram para

enfraquecer as forças armadas de *Salazar*.

O número de insubmissos, bem maior do que o dos desertores, significa claramente a oposição da população à guerra e às consequências dessa mobilização excepcional imposta pelo poder. Talvez para salvarem a sua pele, mas também para escapar a um futuro que não lhes pertencia. Antes do desencadear da luta de libertação em Angola, o governo de *Salazar* tinha sido confrontado com a vontade do Governo Indiano anexar Goa, Damão e Diu, sob dominação portuguesa desde 1510. O ano de 1961 marca, pois, o começo do combate em Angola e a perda da soberania sobre a Índia dita Portuguesa.



do filme "Capitães de Abril"

Nos anos 60, os diferentes tipos de deserção, acto de cariz muito mais político do que o dos refractários (ausentavam-se antes da incorporação militar), alimentaram o debate entre militantes políticos opositores ao regime, especialmente dos que pertenciam ou eram ideologicamente próximos do Partido Comunista Português, organizados na clandestinidade. Para os dirigentes do Partido, os jovens não deviam desertar, pelo contrário, deviam ficar e fazer luta clandestina no interior das forças armadas. Esta era uma decisão controversa e *Álvaro Morna*, desertor, refugiado em França, jornalista na RFI, descreveu bem esta dualidade, no seu livro «O caminho da liberdade» (ed. Gradiva), já traduzido e que será brevemente editado em França. Para muito dos jovens militantes políticos a decisão implicava uma certa ambivalência, deserção política do exército colonial mas também deserção da luta no interior do país contra o regime de Salazar.

A rede de Algel

Os desertores partiam de Portugal, nomeadamente do Forte de Penamacor, uma prisão disciplinar onde eram colocados tanto presos de delito comum como jovens, presos e perseguidos pela polícia política (PIDE). Ou atravessavam a Espanha a salto, integrados em grupos conduzidos pelas redes de passadores que proliferavam na época, ou a aventura levava-os até ao Norte de África, a partir do Algarve com destino a Marrocos ou à Argélia.

No teatro das operações, nomeadamente na Guiné-Bissau, um bom número de desertores beneficiou do apoio logístico da vizinha Guiné-Conakry, de Sékou Touré, independente desde 1958. Os Movimentos de Libertação, **PAIGC**, (Guiné-Bissau), **MPLA** (Angola), **FRELIMO** (Moçambique) também lhes deram apoio, apesar das difíceis condições da luta que travavam contra um exército sanguinário (não mais do que os outros, mas com o comportamento de um exército de ocupação racista).

Entre outros poderemos realçar uma rede de apoio que passava então por Argel, onde uma base contra a ditadura de *Salazar* desenvolvia uma importante actividade. Funcionando em torno de algumas figuras políticas de relevo como o poeta *Manuel Alegre* ou o jornalista *Piteira Santos*, a Radio «*Voz da Liberdade*», clandestina, muito escutada em Portugal, emitindo cerca de meia-hora por dia, permitiu informar e organizar essas redes de apoio.



As redes de apoio

Em França as associações emigrantes tornaram-se verdadeiros serviços de acolhimento, de acompanhamento social e profissional. Os partidos políticos, nomeadamente o PSU, através de algumas personalidades apoiaram bastante a criação destas redes. O PCF seguia a linha do partido irmão de Portugal e, nota-se sobretudo, o apoio a encontros ou a redes e pontos de ligação mais ou menos oficiais.

É dentro dessa linha de actuação que posso testemunhar a ajuda de *Henri Charpentier*, médico no dispensário do jornal *L'Humanité* (então situado no boulevard Poissonnière em Paris) que acolheu jovens portugueses desertores e insubmissos, sobretudo entre 1966 e 1970, ajudando-os em termos de cuidados de saúde, mas também facilitando contactos, mesmo que essa não fosse, de todo, a linha do Partido.

Vários comités nasceram então, muitas vezes por inspiração de antigos resistentes como *Marcel Moiroud*. O Comité de Solidariedade aos Desertores Portugueses beneficiou igualmente do empenhamento de *Pierre Sorlin*, que deu o seu nome para legalização do Comité, durante um período em que o ministro do interior, *Raymond Marcelin* teve uma atitude particularmente hostil e repressiva para com os militantes de esquerda e de extrema-esquerda.

A imprensa portuguesa para a emigração como *O Salto, Jornal Português*, (e muitos outros, dado o grande activismo dos grupos políticos, à época) fazia permanente referência à guerra colonial, às campanhas de solidariedade com os povos em luta pela independência e aos jovens que se recusavam a fazer a guerra.



Os jornais mais empenhados, como **O Alarme**, quase sempre duplicados em *stencil*, apelavam à «deserção revolucionária» com armas, para «enfraquecer o exército da burguesia», mas também na perspectiva duma «luta contra o fascismo português com armas na mão» (in: Luta- Boletim do Comité de Apoio). Tudo isto pode parecer "abstruso", de tal forma estas realidades são hoje distantes e incompreensíveis.

É importante situar no contexto da época, de um lado a ditadura ainda que envelhecida a mais arreigada da Europa, e as importantes lutas de libertação na América Latina, a Tricontinental de **François Maspero**, o conflito sino-soviético por uma «fé revolucionária» rigorosa na pureza ideológica, que alimentavam também as divergências e as militâncias na comunidade política portuguesa. A sua ambição e a sua missão era a de mobilizar os milhares de imigrantes económicos portugueses em França (mas também no Luxemburgo, na Bélgica, na Suíça...)

O Cimade

Menos política - partidariamente - mas muito importante é envolvimento do **Cimade** (Comité Inter-Mouvements Auprès Des Évacués) no trabalho junto dos imigrantes portugueses da década de 60. Sem qualquer distinção, era dado apoio aos primeiros refugiados das colónias portuguesas, mas também, nessa época, aos opositores da ocupação da República dominicana pelos americanos em 1965. Igualmente aos haitianos, vítimas do ditador **Duvalier**. Foi assim que encontrei no *Foyer* da casa abrigo em Massy (Essonne) os primeiros exilados da América Latina entre os quais brasileiros, fugidos na sequência do golpe militar de 1964.

No seu gabinete do **Cimade**, na rua Grenelle, no 17º bairro de Paris, uma mulher vai ter ser determinante no apoio a esta emigração jovem, constituída em parte por estudantes, mas também por jovens operários e empregados de diversas áreas. **Hélène Scob** teve um trabalho rigoroso e muito relevante, no total respeito pelas convicções, apercebendo-se das diferentes sensibilidades e militâncias desses recém-chegados. Nessa época, a autorização de trabalho vinha no seguimento do documento de quitação da polícia e a **Senhora Scob**, orientou muita gente, sobretudo para a Régie Renault (foi o meu caso). De certa forma "militantes" que já se trabalhavam dentro na empresa conseguiam o "salvo-conduto" para a regularização da situação administrativa, bem mais fácil de conseguir, nesses tempos.

A homenagem da **Memória Viva /Mémoire Vive**, parece-me uma iniciativa oportuna para suscitar estudos mais aprofundados sobre esta franja importante da imigração portuguesa. Existe uma volumosa documentação sobre este movimento, que à sua maneira, participou também dos

acontecimentos de 25 de Abril. Um militante muito activo nesse período e que já o era desde os anos 60, **Vasco Martins** (que foi professor/formador na Renault) despositou com outros seus camaradas, um conjunto importante de jornais e outras publicações sobre as lutas políticas dos emigrantes portugueses, antes e depois do 25 de Abril. É na [BDIC \(Bibliothèque de documentation internationale contemporaine\)](#) situada no campus universitário de Paris-Oueste Nanterre La Défense, que podem ser consultados muitos documentos.



«Povo unido dentro e fora do país»

A história das segunda e terceira gerações de portugueses em França, está, em muito, ligada a esses antigos insubmissos ou refractários da guerra colonial. Um assunto muito pouco abordado no seio da família, mesmo sabendo-se como ele foi determinante na tomada de decisão da instalação em França. Essa transmissão da história familiar parece-me, no entanto, fundamental para que se possa compreender melhor onde nos situamos hoje em dia. Essas ligações têm também muito a ver com alguma da população africana com quem nos cruzamos no dia a dia, ou com os «retornados» que regressaram a Portugal há precisamente quarenta anos, em 1975.

Uma maneira singular de comemorar o 25 de Abril, dando a conhecer os relatos daqueles que, deixando o país, contribuíram à sua maneira para o movimento que conduziu à queda da ditadura. «**Unidos fora e dentro do país**» (juntos dentro e fora do país) era o slogan do MFA (movimento das forças armadas do 25 de Abril), uma forma de reconhecimento do caminho percorrido por este povo.

La révolution des œillets... et les déserteurs d'avant!

22 avril 2015 | Par [Arthur Porto](#) - Mediapart.fr

Les déserteurs et insoumis de l'armée de *Salazar*

C'est en 1975 que les colonies sous domination portugaise se sont libérées et obtenues l'indépendance. Ce fût une des conséquences de la révolution des œillets du 25 avril 1974. Et si la chute d'une des plus vieilles dictatures de l'Europe est l'œuvre des «**capitaines d'avril**», qui se sont révoltés contre la guerre coloniale, la misère du peuple Portugais, obligé d'émigrer, et pour la démocratie, les déserteurs et insoumis de l'armée portugaise y ont aussi leur part.



Les soldats à Lisbonne avec l'œillet au fusil

C'est à partir de 1961 que la guerre s'est intensifiée et très vite des jeunes insoumis (partant clandestinement du pays avant d'être appelés -le service obligatoire était de quatre ans où, après les classes ils étaient envoyés en Guinée-Bissau, Angola, Mozambique...) ont préféré le chemin de l'émigration plutôt que celui du service militaire.

Beaucoup pour des raisons économiques, mais aussi un grand nombre par opposition à cette guerre où l'État Nouveau de **Salazar** avec la bénédiction de l'Église Catholique (dans une nouvelle

croisade), voulait imposer son rôle civilisateur et perpétuer l'empire colonial. Le régime de **Salazar** «orgueilleusement seul » dans le concert des nations, affichait fièrement la «race portugaise» (fêtée le 10 juin).

Hommage aux déserteurs

Pour ces quarante ans de la fin de la guerre coloniale, l'**Association Memoria Viva** [<http://www.memoria-viva.fr/category/actualite/>] a décidé de rendre hommage aux 100.000 («L'armée portugaise évaluée à 150 000 le nombre de jeunes s'étant soustrait au service militaire - sous toutes ses formes-»), réfractaires et déserteurs qui ont par leur décision et leur geste contribué à affaiblir l'armée de **Salazar**.

Le nombre d'insoumis, bien plus élevé que celui des déserteurs, signifie aisément l'opposition de la population à la guerre et aux conséquences de cette mobilisation exceptionnelle imposée par le pouvoir. Peut-être pour sauver leur peau mais aussi pour fuir un avenir qui ne leur appartenait pas. Avant le déclenchement de la lutte de libération en Angola, le gouvernement de **Salazar** avait été confronté à la volonté du gouvernement Indien d'annexer dans son territoire les enclaves de Goa, Damão et Diu, sous domination portugaise depuis 1510. L'année 1961 marque donc le début des combats en Angola et la perte du pouvoir colonial sur l'Inde dite portugaise.



du film "Capitaines d'avril"

Dans les années 60, les modalités de la désertion, acte davantage politique que celui des réfractaires (partis avant l'affectation), faisaient débat parmi les militants engagés, essentiellement ceux qui étaient membres ou proches du Parti Communiste Portugais, organisés dans la clandestinité. Pour les dirigeants du Parti, les jeunes ne devaient pas désertir, au contraire, rester pour y mener la lutte clandestine à l'intérieur de l'armée. Cette position était controversée et **Alvaro Morna**, déserteur, réfugié en France, journaliste à RFI, avait bien décrit cette dualité, dans son livre «**O caminho da Liberdade**» (éd Gradiva), déjà traduit qui sortira bientôt en France. Pour beaucoup de jeunes engagés s'exprimait ainsi une certaine ambivalence, désertion politique de l'armée coloniale mais aussi désertion de la lutte à l'intérieur du pays contre le régime de **Salazar**.

Le réseau d'Alger

Les déserteurs, partaient du Portugal, notamment du Fort de Penamacor, une caserne disciplinaire, où était rassemblés des prisonniers de droit commun mais aussi des jeunes ayant été arrêtés ou poursuivis par la police politique (**PIDE**). Soit qu'ils traversaient l'Espagne dans des filières de passeurs qui fleurissaient à l'époque, soit que l'aventure les amenait jusqu'en Afrique du Nord, à partir de la province d'Algarve, à destination du Maroc ou de l'Algérie.

Sur le terrain des opérations, notamment en Guinée-Bissau, bon nombre de déserteurs ont bénéficié du soutien logistique de la voisine Guinée-Conakry, de Sékou Touré, indépendante

depuis 1958. Les mouvements de Libération, **PAIGC** (Guinée-Bissau), **MPLA** (Angola) **FRELIMO** (Mozambique) ont à leur tour apporté leur aide, malgré les conditions de lutte très difficiles face à une armée sanguinaire (pas plus que les autres, mais avec le comportement d'une armée d'occupation et raciste).

Entre autres, on peut souligner un réseau de soutien qui passait alors par Alger, où une base contre la dictature de **Salazar** développait une importante activité. Autour de quelques figures historiques comme le poète **Manuel Alegre** ou le journaliste **Piteira Santos**, la Radio « **Voz da Liberdade** » (voix de la liberté), clandestine, très écoutée au Portugal, environ une demi-heure par jour, a permis d'informer et d'organiser des réseaux de soutien.



Les comités de soutien

En France les associations d'émigrés deviennent de véritables services d'accueil, d'accompagnement social et professionnel. Les partis politiques, notamment le PSU, à travers quelques personnalités ont beaucoup soutenu la création de ces réseaux. Le PCF suivait la position du parti frère du Portugal et, on note surtout des soutiens à la faveur de rencontres ou de noyaux plus ou moins officiels.

C'est ainsi, que je peux témoigner de l'aide de **Henri Charpentier**, médecin au dispensaire du journal **L'Humanité** (alors Bd Poissonnière à Paris) qui a accueilli des jeunes portugais déserteurs et insoumis, surtout entre 1966 et 1970, les aidant en termes de soins mais aussi facilitant des contacts, même si ce n'était pas tout à fait la ligne du Parti.

Plusieurs comités ont vu le jour, souvent à l'initiative d'anciens résistants, comme **Marcel Moiroud**. Le Comité de Soutien aux déserteurs portugais a également bénéficié de l'engagement de **Pierre Sorlin**, qui a donné son nom pour la légalisation du comité, à une période où le ministre de l'intérieur, **Raymond Marcelin**, était particulièrement répressif envers les militants de gauche et d'extrême-gauche.

La presse portugaise pour l'émigration comme **O Salto, Jornal Português**, (et beaucoup d'autres, notamment dans la mouvance des groupes politiques d'alors) se référait en permanence à la guerre coloniale et à toute solidarité envers les peuples en lutte pour leur indépendance et les jeunes qui refusaient de participer à la guerre.



Des journaux plus engagés comme **O Alarme**, souvent ronéotypés, appelaient à la désertion voire une « désertion révolutionnaire » avec son arme, pour « affaiblir l'armée de la bourgeoisie » mais aussi dans la perspective d'une « lutte contre le fascisme portugais les armes à la main » (in luta, bulletin du comité de apoio). Tout ceci peut paraître 'abscons', tellement ces réalités sont aujourd'hui distantes et incompréhensibles.

Il est important de situer dans le contexte de l'époque, d'une part la dictature quoique vieillissante, la plus ancrée en Europe, des luttes importantes de libération en Amérique Latine, la Tricontinentale de **François Maspero**, le conflit sino-soviétique pour une « croyance révolutionnaire » rigoureuse dans la vertu idéologique, nourrissaient aussi les divergences et les engagements dans la communauté politique portugaise. Son ambition, et sa mission, était de mobiliser les milliers de migrants économiques portugais en France (mais aussi au Luxembourg, en Belgique, en Suisse...)

La Cimade

Moins politique -partisan- mais fort important c'est l'engagement de la **Cimade** auprès des jeunes migrants portugais des années 60. Sans distinction, un soutien était apporté aux premiers réfugiés des colonies portugaises mais aussi, à cette époque, aux opposants à l'occupation de la République Dominicaine par les américains en 1965. Également des Haïtiens, victimes du dictateur **Duvalier**. C'est ainsi que j'ai rencontré au Foyer d'hébergement à Massy (Essonne) les premiers exilés de l'Amérique Latine dont quelques brésiliens suite au coup d'État militaire en 1964.

A son bureau de la **Cimade**, rue de Grenelle, dans le septième à Paris, une femme va jouer un rôle très important dans le soutien à cette jeune immigration, en partie constituée d'étudiants, mais aussi jeunes ouvriers et employés, devenus exilés politiques ou opposants à la guerre. **Hélène Scob** a mené un travail remarquable, dans le respect des convictions tout en percevant les différentes sensibilités et les engagements de ces nouveaux venus. A l'époque une carte de travail venait dans la suite du récépissé de la police et **Madame Scob** a beaucoup orienté, notamment vers la Régie Renault (ce fût mon cas). En quelque sorte des « établis » avant l'heure, qui militaient en usine, avec ce passage pour régulariser la situation administrative bien plus accessible à ce moment là.

L'hommage de **Mémoria Viva/Mémoire Vive**, me semble une initiative opportune pour susciter des études approfondies sur cette frange importante de l'immigration portugaise. Une documentation volumineuse existe sur ce mouvement qui, à sa façon, a participé à l'avènement du 25 avril. Un militant qui a beaucoup œuvré à cette période, dès le début des années 60, **Vasco Martins** (qui a été notamment professeur-formateur à Renault) a déposé, avec d'autres de ses camarades, un nombre important de journaux et de récits sur les luttes politiques des migrants Portugais, avant et après le 25 avril. C'est à la [BDIC \(Bibliothèque de documentation internationale contemporaine\)](#), située sur le campus de l'université Paris-Ouest Nanterre La Défense, que beaucoup de documents

peuvent être consultés.



«Povo unido dentro e fora do pais»

L'histoire des deuxième et troisième générations de Portugais en France est, pour beaucoup, liée à ces anciens insoumis ou réfractaires à la guerre coloniale. Un sujet vraisemblablement peu abordé en famille, même s'il est fondateur dans leur installation en France. Cette transmission familiale me paraît essentielle pour mieux comprendre où nous nous situons aujourd'hui. Ces liens ont aussi à voir avec une certaine population africaine que nous côtoyons aujourd'hui ou les «retornados» qui sont revenus au Portugal il y a précisément quarante ans, en 1975.

Une façon singulière de commémorer le 25 avril, en donnant à connaître le récit de ceux qui, en quittant le pays, avaient à leur manière, apporté leur part au mouvement qui a déclenché la chute de la dictature. «**Unido dentro e fora do pais**» (ensemble à l'intérieur et à l'extérieur du pays) était le slogan du **MFA** (mouvement des forces armées du 25 avril), cela reste une reconnaissance du chemin parcouru par ce peuple.

* * *

«**Demandez le programme**» : Plusieurs manifestations pour commémorer le 25 avril; à voir dans les commentaires.

URL source: <http://blogs.mediapart.fr/blog/arthur-porto/220415/la-revolution-des-oeillets-et-les-deserteurs-davant>